



Tempos de crise, momento de oportunidade

O Brasil vive um período de incertezas frente ao mercado econômico atual. É bem verdade que a situação não está da maneira que queremos, mas isso tudo se deve à queda da produção industrial, que tenta se recuperar.

Se olharmos cuidadosamente para os resultados que obtivemos nos primeiros seis meses de 2014, não é de estranhar que as previsões para o segundo semestre sejam pessimistas, esperando retração em todos os setores, uma vez que nossa principal atividade econômica – industrial – está andando de lado.

De olho nesse quadro, esta edição da Revista Brasileira do Aço traz entrevistas de especialistas que avaliaram o mercado e esmiuçaram os problemas que têm travado o crescimento do País. Segundo eles, o que está nos impedindo de sair dessa crise são as medidas governamentais erradas, falta de infraestrutura e instabilidade do câmbio.

Ao avaliar essas perspectivas, fizemos uma revisão de nossas projeções para distribuição de aços e, diante da situação, abaixamos nossas expectativas de crescimento de 4% para 1%, ainda dentro de um viés de otimismo, mesmo com a tendência do consumo brasileiro ser menor esse ano.

Contudo, mesmo com todas essas análises negativas, o que nunca deixaremos de falar é que mesmo num momento de crise, como a que estamos vivendo, sempre há o que aprender e aprimorar em nossas práticas. Sobre a situação do mercado de



aço, por exemplo, há diversas coisas que podemos avaliar e mudar para estarmos preparados para o reaquecimento do mercado.

Há um ditado japonês que diz que “quando se está em meio a uma tempestade é preciso saber posicionar o barco com menos foco na rota e mais esforços para escapar da onda. Quando a tempestade passar, você retoma o seu caminho e segue em frente”. E é assim que precisamos nos portar diante de nossa situação atual: pensar na crise como um período de oportunidades para desenvolver outras aptidões e escapar dos prejuízos.

Aproveite o momento e invista naquilo que você sabe fazer.

Boa leitura!

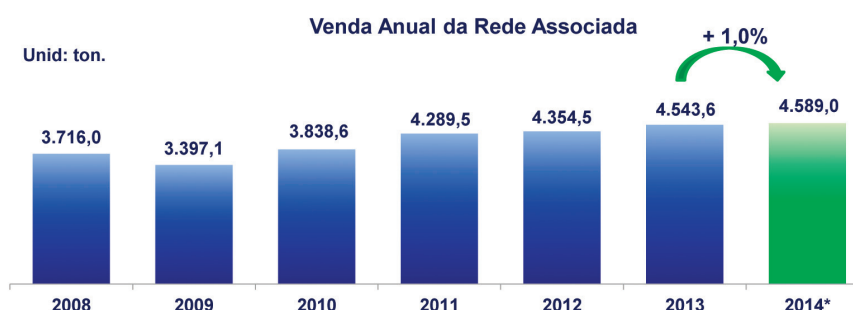
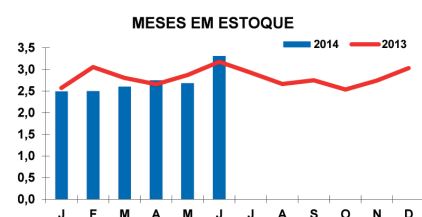
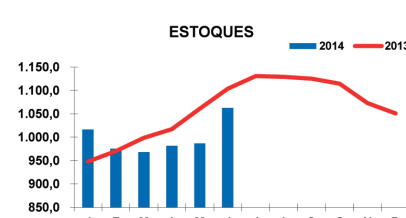
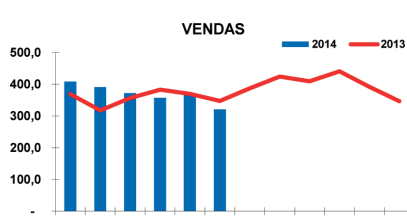
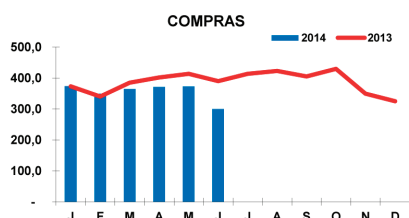
Estatística

Unid: 10³ ton.

ESTOQUE ¹		
JUNHO		
2014	2013	Var. %
1063,1	1103,9	-3,7%
MESES EM ESTOQUES		
3,3	3,2	

COMPRAS ²		
JUNHO		
2014	2013	Var. %
299,7	390,3	-23,2%
JANEIRO A JUNHO		
2.132,70	2.303,80	-7,4%

VENDAS		
JUNHO		
2014	2013	Var. %
321,2	347,8	-7,6%
JANEIRO A JUNHO		
2.218,40	2.144,00	3,5%



¹ incluem importações informadas pelos associados

² incluem os embarques das usinas para outros setores via distribuição.

³ Produtos: LCG, BQ, BF, CZ, CPP, CAZ e EGVsetores via distribuição.

* Projeção em junho/2014

Distribuição revisa projeção de vendas para 2014

Por Oberdan Neves Oliveira

Em junho, as vendas de aços planos registraram retração de 12,8% em relação a maio, atingindo o montante de 321,2 mil toneladas. Sobre o mesmo período de 2013, quando foram vendidas 347,8 mil toneladas, registraram queda de 3,7%. No acumulado do semestre, as vendas registraram alta de 3,5% sobre igual período do ano anterior, com volume total de 2218,4 mil toneladas.

Na compra, o mês de junho também registrou recuo, 19,7% perante maio, com volume total de 299,7 mil toneladas. Frente a junho do ano passado (390,3 mil ton.), apresentou queda de 23,2%. Entre janeiro e junho desse ano, as compras da rede associada contabilizaram retração de 7,4% em relação ao mesmo período de 2013, com volume total de 2132,7 mil toneladas.

Assim, os estoques de junho registraram alta de 7,7% em seus volumes, atingindo 1063,1 mil toneladas. O giro dos estoques subiu para 3,3 meses.

A importação de aços planos fechou junho com queda de 31,7% em relação ao mês anterior, com 153,4 mil toneladas contra 224,7 mil toneladas. Porém, no acumulado de 2014, as importações contabilizaram alta de 53,8% em relação ao mesmo período do ano anterior, com volume total de 956,8 mil toneladas.

Para junho, a projeção da rede é de compra e venda com elevação em torno de 10%.

Para 2014, revisamos nossa projeção de crescimento nas vendas para 1% em relação ao ano anterior. A projeção anterior, estimada em dezembro do ano passado era crescer 4%.

O Direito aos Créditos da Contribuição ao PIS e à COFINS.

Edison Aurélio Corazza
Reginaldo de Andrade

O direito aos créditos das contribuições ao PIS e à COFINS, quando a empresa se sujeita ao regime de apuração denominado “não cumulativo”, é um corolário do próprio Princípio Constitucional da Não Cumulatividade e decorre da lei.

De fato, a Emenda Constitucional nº 42 estendeu ao PIS e à COFINS a aplicação do princípio da não-cumulatividade, delegando ao legislador ordinário a responsabilidade por estabelecer os parâmetros legais para o funcionamento daquele, em especial a definição das atividades sujeitas a este consagrado princípio constitucional.

Muito embora o princípio da não-cumulatividade pressuponha, para sua correta aplicação, o direito amplo à tomada de créditos nas operações anteriores da cadeia produtiva, a legislação brasileira possui diversas hipóteses de restrição àquela, quer nos tributos incidentes sobre a produção e circulação de mercadorias (ICMS e IPI), quer nos que gravam o faturamento (PIS/PASEP e COFINS).

Importa dizer, a guisa de análise comparativa, que a Carta Magna, diferentemente do que ocorre com o ICMS e IPI, não conceitua os aspectos gerais da matéria atinente ao princípio da não-cumulatividade para o PIS e a COFINS, deixando esta tarefa a cargo da lei.

A criação de um tributo não cumulativo visa evitar a chamada “incidência em cascata” e, para tanto, deve-se assegurar o aproveitamento do crédito real do tributo pago na operação anterior, de modo a garantir a neutralidade da exação.

Resta claro, portanto, que para o correto e pleno emprego do princípio da não-cumulatividade, a legislação infraconstitucional não pode restringir a tomada de créditos relativamente às operações anteriores, sob pena de acabar por desfigurar a própria sistemática, evitando, assim, a consecução de seu objetivo maior, que é impedir a tributação em cascata.

A sistemática da não-cumulatividade materializa-se, por meio de débitos (pelas saídas) e créditos (pelas entradas), ambos lançados na escrita fiscal, cujo saldo, apurado em determinado período (semanal, quinzenal, mensal, etc.), será recolhido ou não aos cofres públicos, caso seja o mesmo positivo (credor) ou negativo (devedor).

No tocante ao PIS e à COFINS, no entanto, as Leis nº 10.637/2002 e 10.833/2003 criaram uma sistemática da não cumulatividade diferente daquela normalmente aplicada ao IPI e ao ICMS, uma vez que aquelas contribuições não incidem sobre as operações de entrada e saída de mercadorias, mas sim sobre o faturamento das empresas.

De fato, de acordo com as disposições dos citados diplomas legais, foi conferida, aos contribuintes do PIS e da COFINS, a prerrogativa de calcular créditos relativamente a algumas operações praticadas, descontando-os, posteriormente, do montante devido a título das mesmas.

Esta forma diferenciada de apuração e cálculo das referidas contribuições quando sujeitas à sistemática da não cumulatividade acabou por propiciar ao Fisco, mediante atos normativos infra legais ou mesmo decisões proferidas em sede de processos administrativos, limitar o direito à tomada de créditos por parte dos contribuintes, interpretando incorretamente o texto da lei e o conceito de insumo que deve ser adotado para tais fins, equivocadamente utilizando aquele praticado para fins de tomada de créditos de ICMS e IPI, tributos que incidem sobre a produção e circulação de bens.

No caso das referidas contribuições, não se pode esquecer que as mesmas alcançam não só o faturamento resultante da venda de bens, como também o resultado financeiro de prestações de serviços, cujos insumos têm outra natureza, não se agregando ao produto final entregue ao tomador do serviço. Neste sentido, para as referidas contribuições, diverso é o conceito de insumo tratado pela lei e que gera crédito para ser abatido do valor tributário das contribuições a ser pago.

É sabido que não pode o ato normativo infra legal ou mesmo uma decisão administrativa limitar o alcance ou a aplicação da lei, menos ainda da Constituição Federal, em especial no que tange ao direito dos contribuintes ao aproveitamento dos créditos do PIS/PASEP e da COFINS.

O conceito de insumo, para fins de tributação pela contribuição ao PIS e COFINS, não pode ser simplesmente tido como matérias-primas (como usualmente empregado no que tange ao IPI e ao ICMS), mas deve ser entendido de forma mais ampla, para abranger todos os fatores empregados na fabricação de dado bem ou na prestação de serviços.

É de se ver que o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (CARF), órgão de segunda instância do processo administrativo federal, já vem pacificando seu entendimento no sentido de admitir que o conceito de insumo inerente às contribuições sobre o faturamento é diferente daquele empregado no caso dos tributos sobre valor agregado, como é o caso do IPI.

Dessa feita, a adoção pura e simples do entendimento manifestado pelas autoridades fiscais para tomada dos créditos da contribuição ao PIS e da COFINS pode acarretar no não aproveitamento de valores legítimos a luz da legislação vigente e do entendimento da jurisprudência administrativa sobre a matéria, resultando em um recolhimento de tributos maior que o devido. A avaliação conjunta do entendimento da fiscalização vis a vis ao real conceito de insumo, para fins de tributação pelo PIS/ COFINS, se faz necessária, e, em boa parte dos casos, deve estar lastreada por parecer de profissional conhecedor da matéria, pois tal procedimento poderá ser questionado pelas autoridades fiscais, exigindo uma indispensável defesa.

¹ Edison Aurélio Corazza e Reginaldo de Andrade são sócios da Corazza, Cavalcanti e Vargas Advogados, responsáveis pela prática do Direito Tributário.

Cautela sim, pessimismo não !

Rossano Oltramari economista e estrategista da XP Investimentos

Segundo o estrategista-chefe da XP Investimentos, Rossano Oltramari, o primeiro semestre de 2014 refletiu o que podemos esperar para o resto do ano. O período é desafiador e de baixa visibilidade, devido ao elevado grau de ceticismo e ao alto nível de incertezas. “Estamos vendo uma desaceleração rápida e forte da economia, com projeções (relatório Focus do BC) reduzindo o crescimento para o país, tanto em 2014 quanto em 2015. Em alguns casos com crescimento abaixo de 1% para 2014”, diz Oltramari.

Aliado a isso, no dia 25 de junho, houve a divulgação do NOTIMP – dados do Banco Central do Brasil - sobre o crédito e a expectativa de crescimento, sendo reduzidas de 10% para 6% e a inadimplência também em queda. “Em suma, o cenário é de desaceleração da economia, inflação, juros elevados, menor renda disponível, num ano que podemos ter mudanças, com probabilidade elevada de alternância de poder”, completa Oltramari. Isso gera um índice de confiança da população baixo e menor consumo. Assim, vários setores ligados ao consumo serão afetados, ainda mais os dependentes de crédito. O ceticismo dos participantes do mercado deverá permanecer elevado, principalmente por ser um período marcado por uma eleição presidencial.

“Por outro lado, entendemos que este ceticismo já está contemplado nos mercados e acreditamos que grande parte da reprecificação dos fundamentos domésticos já tenha ocorrido. Não à toa, tivemos de ser oficialmente rebaixados por uma agência de risco e a reação imediata dos mercados se mostrou neutra ao evento”, completa o estrategista da XP.

Como ampliar seus ganhos

Uma maneira de ampliar os ganhos é aproveitar o momento de alta dos juros e da inflação e procurar aplicações financeiras que nos protejam. Willian Kahler, agente de investimentos da Messem Investimentos, explica sobre a importância da comparação de investimentos: “Muitas pessoas esquecem de dar uma atenção especial aos investimentos financeiros. Trabalhamos tanto para acumular recursos e muitas vezes não

empreendemos uma parte do nosso tempo para estudar em que podemos aplicar. Em 2002, na última vez que o Brasil ganhou uma Copa do Mundo, os juros estavam em torno de 20% ao ano, atualmente temos uma taxa de juros de 11% com uma inflação projetada de 6,5%. O novo cenário econômico nos remete a taxa de juros reais menores e um nível de consumo elevado, essa equação muitas vezes pode levar ao comprometimento da preservação do patrimônio. Caso a inflação seja maior que o aumento da renda do consumidor ou dos seus investimentos, pode se dizer que houve diminuição no poder de compra. Para comparação, de 2002 a 2013, tivemos uma redução do poder de compra de 53%. Hoje um milhão de reais compram

o mesmo que quatrocentos e setenta mil reais compravam em 2002. Estamos falando de uma inflação anual média de 7,1% nos últimos 12 anos. Passaram-se mais de 20 anos e ainda não revisamos a nossa forma de investir. Antes do plano real, mais precisamente de 1975 a 1994, tivemos 6 padrões monetários e 16 presidentes do Banco Central, desde

1994, ano que o plano real foi implementado, nós tivemos 6 presidentes do Banco Central que conseguiram dar uma continuidade e uma cara para a nossa economia. Com isso surgiram diversas oportunidades de investimentos que, na maioria das vezes, as pessoas não conhecem ou não têm tempo para conhecer. Já é mais do que hora de contestarmos algumas aplicações tradicionais do brasileiro. Existem investimentos que contêm uma rentabilidade melhor como Títulos Públicos, Debêntures”.

O agente autônomo de investimentos tem como objetivo auxiliar os investidores, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas, a encontrarem as aplicações financeiras que atendam da melhor forma os seus objetivos. Mesmo com um ano desafiador pela frente, oportunidades de investimentos não faltam. Cada pessoa pode encontrar seu perfil com um assessor de investimento e buscar as melhores opções de investimento.



Negociações Sindicais 2014 – Revista Brasileira do Aço

O **Sindisider**, Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos, é o representante legal das empresas distribuidoras, processadoras e revendedoras de aços em todo o Brasil.

Perante o Ministério do Trabalho e Emprego, somos o sindicato patronal que defende os interesses das seguintes empresas do setor: comerciantes e processadores de aços longos e planos (corte, dobra, etc), fabricantes de tubos, telhas e perfis, comerciantes e processadores de aço inoxidável e demais aços especiais.

Legalmente o Sindisider é o único representante patronal em nome do setor, que tem autorização para estabelecer negociações coletivas junto aos sindicatos dos Trabalhadores do Comércio e Metalúrgicos.

Abaixo indicamos o andamento dessas negociações. Verifique como está a negociação em sua cidade!



Negociações Encerradas – Julho /2014

1) Foram encerradas as Negociações Sindicais indicadas abaixo, e as quais já constam as Convenções Coletivas no site do Sindisider, www.sindisider.org.br:

- Curitiba – PR – Comerciantes – Principais Alterações:

PRINCIPAIS PLEITOS	NEGOCIADO (válido) CCT 2014-2015
1 Reajuste salarial: INPC + 5% (aproximadamente 10%);	• Reajuste de 7,5 % ;
2 Reajuste dos Pisos Salariais;	• Contínuos, "Office-boy", empregados de copa e cozinha, limpeza e portaria = R\$ 984,00; • Demais Funções = R\$ 1.005,00
3 Acréscimo e Ampliações das estabilidades e benefícios;	• Mantidas as mesmas condições da CCT 2013-2014.

- Gravataí – RS – Comerciantes – Principais Alterações:

PRINCIPAIS PLEITOS	NEGOCIADO (válido) CCT 2014-2015
1 Reajuste salarial: INPC + 5% (aproximadamente 10%);	• Reajuste de 7,49 % ;
2 Reajuste dos Pisos Salariais;	a) Empregados que percebem salário (fixo + comissões) ou exclusivamente comissões – R\$ 1055,00 (um mil e cinquenta e cinco reais); b) Empregados que percebam salário fixo – R\$ 950,00 (novecentos e cinquenta reais); c) Empregados menores de 18 (dezoito anos) que exerçam a função de "Office-boy" – R\$ 905,00 (novecentos e cinco reais);

- Cubatão, Santos e Baixada Santista – SP – Metalúrgicos:

PRINCIPAIS PLEITOS	NEGOCIADO (válido) CCT 2014-2015
1 Reajuste salarial: INPC + 5% (aproximadamente 10%);	• Reajuste de 8 % , para salários maiores que o piso até o limite de R\$ 6.000,00; • Reajuste de 5,6% para os empregados com salários superiores à R\$ 6.000,00;
2 Reajuste dos Pisos Salariais;	• Piso Salarial para 220 horas/ mês = R\$ 1.149,50, para ajudantes, serventes e auxiliares em geral.
3 Acréscimo e Ampliações das estabilidades e benefícios;	• Vale Refeição/ Alimentação, valor mínimo de R\$ 17,00; • Para demais benefícios, mantidas as mesmas condições da CCT 2013-2014.
4 Implantação de Participação nos Lucros e Resultados (PLR);	• Iniciar até agosto/2014, negociação para implantação do PLR.

2) Referente as cidades abaixo, recebemos as pautas de reivindicações dos Sindicatos dos empregados e estamos em negociação.
Atentar as datas bases e manter o cadastro de vossa empresa atualizado junto ao Sindisider:

3) Para as demais cidades e estados, aguardamos as reivindicações dos Sindicatos dos Trabalhadores. Notar as datas bases das negociações:

ESTADO	CIDADE	SINDICATO	MÊS BASE
MA	MARANHÃO	COMÉRCIO	mai/2014
PA	PARÁ	COMÉRCIO	mai/2014
PR	APUCARANA	COMÉRCIO	jul/2014
PR	ASSIS CHATEAUBRIAND	COMÉRCIO	jun/2014
PR	CAMPO MOURÃO	COMÉRCIO	jun/2014
PR	CASCADEL	COMÉRCIO	jun/2014
PR	CIANORTE	COMÉRCIO	jun/2014
PR	FOZ DO IGUAÇU	COMÉRCIO	jun/2014
PR	GRUARAPAVA	COMÉRCIO	jun/2014
PR	IVAIPORÃ	COMÉRCIO	jun/2014
PR	LONDRINA	COMÉRCIO	mai/2014
PR	MARINGÁ	COMÉRCIO	jun/2014
PR	PALOTINA	COMÉRCIO	jun/2014
PR	PARANÁ	COMÉRCIO	jun/2014
PR	PARANAGUÁ	COMÉRCIO	jul/2014
PR	PARANAVAÍ	COMÉRCIO	jun/2014
PR	PATO BRANCO	COMÉRCIO	jun/2014
PR	TIMOTEO	COMÉRCIO	mai/2014
PR	TOLEDO	COMÉRCIO	jun/2014
PR	UMUARAMA	COMÉRCIO	jun/2014
PR	UNIÃO DA VITÓRIA	COMÉRCIO	jun/2014
RJ	RIO DE JANEIRO	COMÉRCIO	mai/2014
RS	CAXIAS DO SUL	COMÉRCIO	jul/2014
RS	ENCATADO E ROCAS SALES	COMÉRCIO	mar/2014
RS	GUAIBA	COMÉRCIO	mar/2014
RS	QUARAÍ	COMÉRCIO	mar/2014
RS	SÃO JERONIMO	COMÉRCIO	mar/2014
SC	CRICIÚMA	COMÉRCIO	mai/2014
SC	JOINVILLE	COMÉRCIO	mai/2014

CIDADE	ESTADO	SINDICATO	MÊS BASE
ALVORADA	RS	COMÉRCIO	nov/2014
AMERICANA	SP	COMÉRCIO	out/2014
ARAÇATUBA	SP	COMÉRCIO	out/2014
ARARAQUARA	SP	COMÉRCIO	set/2014
BAURU	SP	COMÉRCIO	out/2014
BELO HORIZONTE E REGIÃO	MG	COMÉRCIO	dez/2014
BRAGANÇA PAULISTA	SP	COMÉRCIO	out/2014
CAMPINAS	SP	COMÉRCIO	out/2014
CAMPINAS E LIMEIRA-CUT	SP	METALÚRGICOS	set/2014
CANOAS, CACHOEIRA	RS	COMÉRCIO	nov/2014
CATANDUVA	SP	COMÉRCIO	out/2014
CORNÉLIO PROCÓPIO	PR	COMÉRCIO	nov/2014
COTIA	SP	COMÉRCIO	out/2014
GUARULHOS	SP	COMÉRCIO	out/2014
ITAJAÍ	SC	COMÉRCIO	ago/2014
ITU	SP	COMÉRCIO	out/2014
ITU METALURGICOS	SP	COMÉRCIO	set/2014
JACAREI	SP	COMÉRCIO	out/2014
JACAREZINHO	PR	COMÉRCIO	nov/2014
JUNDIAÍ	SP	COMÉRCIO	out/2014
LIMEIRA	SP	COMÉRCIO	out/2014
LIMEIRA MERALURGICO	SP	METALÚRGICOS	set/2014
MOGI DAS CRUZES	SP	COMÉRCIO	out/2014
OSASCO	SP	COMÉRCIO	out/2014
PIRACICABA	SP	COMÉRCIO	out/2014
PIRACICABA METALURGICOS	SP	METALÚRGICOS	nov/2014
PONTA GROSSA	PR	COMÉRCIO	nov/2014
PORTO ALEGRE	RS	COMÉRCIO	nov/2014
PRESIDENTE PRUDENTE	SP	COMÉRCIO	out/2014
RIBEIRÃO PRETO	SP	COMÉRCIO	out/2014
SANTA BÁRBARA D'OESTE	SP	COMÉRCIO	out/2014
SANTO ANDRÉ	SP	COMÉRCIO	out/2014
SANTO ANTONIO DE PLATINA	PR	COMÉRCIO	nov/2014
SÃO CARLOS	SP	COMÉRCIO	out/2014
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	SP	COMÉRCIO	out/2014
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	SP	COMÉRCIO	out/2014
SÃO PAULO	SP	METALÚRGICOS	nov/2014
SÃO PAULO-CAPITAL	SP	COMÉRCIO	set/2014
SÃO PAULO-ESTADO	SP	COMÉRCIO	set/2014
SOROCABA	SP	COMÉRCIO	out/2014
TAUBATÉ	SP	METALÚRGICOS	ago/2014

*Negociações com todo o Estado de Minas Gerais, através do Sindicato dos Empregados nas Empresas Distribuidora de Produtos Siderúrgicos – SEEDISIDER – Data Base: Novembro/2014

** Negociações com estados da Região Norte e Nordeste, através da FECONEST (Comércio) – Data Base: Novembro/2014

Mais informações, entre em contato pelo telefone (11) 2273-0623 ou pelo e-mail jaci@sindisider.org.br



O dilema do crescimento

A economia brasileira está em forte desaceleração. Diversos setores, principalmente o industrial, acumulam perdas consideráveis e perspectivas de crescimento têm estado cada vez mais distantes.

Por Michelle Raeder

O Brasil passa por um momento de economia estagnada e todas as perspectivas são pessimistas. De acordo com dados do Banco Central, a estimativa do PIB para 2014 será de apenas 1,1%, o que comprova a paralisação do país, que apresentou quedas em quase todos os setores da economia no primeiro semestre. E o segundo período não será diferente.

Para entender os motivos deste cenário, a revista Brasileira do Aço traz a análise do economista Cristiano Souza, do Banco Santander. A entrevista a seguir traça um apanhado da real situação econômica brasileira no primeiro semestre de 2014, além de perspectivas para o crescimento da economia em 2015.

• **Em qual proporção a queda da produção industrial irá afetar a economia brasileira?**

A atividade doméstica nos primeiros seis meses de 2014 foi enfraquecida e, no próximo semestre, será ainda mais. A economia mundial melhorou um pouco, mas nada que faça a situação dar uma grande guinada.

O principal problema que estamos enfrentando hoje são políticas econômicas equivocadas e falta de investimentos. O governo criou demanda em cima de demanda e isso só atrasou o crescimento, o resultado foi uma economia fraca e estagnada.

• **Quais os reflexos dessa queda?**

Em 2013 tivemos uma inflação represada de 1,5%, índice que não entrou nas contas porque o governo fez controle de preços, o que não é saudável para a economia. Estamos num período de maus equilíbrios, e por conta disso, não crescemos e não há estímulos para investimentos. Esses fatores travam o crescimento e impedem o país de evoluir financeiramente.

O aumento dos índices de inflação fez com que entrássemos num processo vicioso. Hoje o trabalhador precisa de reajuste de salários que cubram a inflação. Do outro lado, estão as empresas que precisam repassar esse aumento e reajustam seus produtos para conter os gastos. E assim está girando a roda da economia, mas de uma forma que não é sustentável.

• **Há possibilidades de o segundo semestre apresentar resultados melhores?**

Diante do cenário que temos hoje, o segundo semestre também será ruim, principalmente se continuar com essas políticas equivocadas que o governo tem tomado.

Outro ponto a destacar é o fato de estarmos em um ano de eleição, ou seja, será muito difícil termos grandes mudanças, o que nos leva a crer que a segunda metade de 2014 vai continuar na mesma situação do primeiro semestre, com uma sucessão de resultados de crescimento baixo.

• **E qual proporção o período pré-eleitoral pode influenciar no desempenho do setor para o segundo semestre?**

O principal fator que está imobilizando o mercado nesta eleição é a possibilidade de termos uma mudança de governo. Ao contrário da reeleição do Lula, que não gerava incerteza, atualmente não há como afirmar nada, não há essa clareza. O mercado fica mais instável porque não consegue vislumbrar o que realmente vai acontecer.

Temos três cenários que podem se desenhar: a reeleição da Dilma – em que tudo continuará como está hoje; a eleição do Aécio – pelo que o candidato tem demonstrado, parece que seria um controle mais rigoroso, e a eleição do Eduardo Campos – tem uma postura mais branda do que do Aécio, mas certamente ocorrerão mudanças.

Diante dessas possíveis projeções, o mercado não sabe o que esperar e qual norte tomar; por isso a tendência de crescimento baixo é inevitável, uma vez que ninguém vai se arriscar diante dessa situação que está se desenhando no Brasil.

• **Qual seu diagnóstico sobre a atual situação da economia brasileira?**

Em 2008, a Crise Financeira Mundial explodiu uma bolha que afetou o mundo todo, inclusive o Brasil. As medidas tomadas pelo governo foram corretas, fazendo com que o Brasil se recuperasse. Mas, agora, as medidas criadas estão estagnando a economia. Nem crescemos e nem decrescemos, estamos parados.



Naquele período precisávamos criar e incentivar demanda de consumo, que estava muito baixa. Hoje as coisas são diferentes, esse não é nosso problema. Mas, ao contrário do que deveria ter sido feito, o governo incentivou a criação de demanda e não aumentou a oferta. O resultado foi o retorno da inflação. Nosso governo parece não entender que criar demanda não é incentivar crescimento, pelo contrário, isso trava a economia. As medidas atuais não são corretas para os problemas que temos hoje, mas, por outro lado, diante do que estamos vivendo, as saídas corretas só vão gerar retorno em longo prazo. No agregado da economia, as medidas atuais são danosas.

- **Quais as medidas que ajudariam a melhorar a situação da economia?**

Aumentar impostos pode ser uma saída, mas é preciso ser um aumento considerável. Os ajustes que tivemos nos últimos tempos, de 0,25%, não bastam. Ajudam, mas não resolvem, pois em um curto espaço de tempo seria preciso aumentar novamente.

Outra medida importante seria cortar gastos, pois manter tudo como está não vai gerar crescimento e passaremos anos com a economia estagnada.

Temos dois exemplos bem próximos de países que descuidaram da economia: Argentina e Venezuela. Não acredito que chegaremos ao patamar de nenhum deles, mas estamos acompanhando suas dificuldades e as medidas drásticas que terão que tomar para melhorar suas economias. Eles podem perder uma década de crescimento por conta de atitudes erradas.

- **O que podemos esperar de um cenário tão incerto?**

A expectativa é que até 2018 a inflação ainda mantenha-se no patamar de 5%, ou seja, essa vilã não vai sumir tão cedo. Diante dessas estimativas, as empresas estão se preparando para esse ambiente inflacionário e, consequentemente, vão precisar readequar seus custos baseados nesses índices, prevendo reajustes salariais, que precisam acompanhar esta alta.

O ano de 2015 tem um cenário extremamente incerto. Diante dos três cenários políticos que podem se desenhar, dependendo do resultado das urnas em outubro, não é possível prever nada sobre o próximo ano. Nossos problemas são todos internos, nada do que estamos vivendo hoje foi provocado por nenhum fator externo.

“ Temos dois exemplos bem próximos de países que descuidaram da economia: Argentina e Venezuela. Eles podem perder uma década de crescimento por conta de atitudes erradas.



REVISTA BRASILEIRA DO AÇO – EDIÇÃO 153 – AGOSTO/2014

EXPEDIENTE

Presidente

Carlos Jorge Loureiro

Vice-Presidente

Carlos Felipe Nigro Cruz Ribeiro Jr.

Conselho Diretor

Alberto Piñeira Graña

Cláudio Sidnei Moura

Edson Osniildo Neumann

Heuler de Almeida

Manoel Marcos Guimarães Lopes

Miguel Jorge Locatelli

René Kahler Junior

Superintendente

Gilson Santos Bertozzo

Revista Brasileira do Aço

11 2272.2121 – revista@inda.org.br

Jornalista Responsável: Michelle Raeder – MTB 47804/SP.

Colaboradores: Paula Balduino e Simone Meirelles

Projeto gráfico, diagramação e editoração:

+3 Digital - www.mais3.com

Impressão:

Printon Soluções Gráficas - www.printongrafica.com.br/

Distribuição exclusiva para Associados ao INDA. Artigos e comentários publicados não refletem necessariamente a opinião da Revista Brasileira do Aço e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Mercado emperrado

Devido aos constantes resultados negativos, a economia nacional está estagnada travando o crescimento e assustando novos investidores.



Por Michelle Raeder

Diante de um ambiente com muitas expectativas pessimistas sobre o crescimento econômico, não é de se estranhar se nos depararmos com notícias sobre cortes de investimentos, empresas paradas, excesso de produção e capacidade, além de muitas quedas de vendas.

Infelizmente, esse cenário é o que estamos vivenciando há algum tempo e, segundo alguns especialistas, a luz para resolver esses problemas está muito longe de ser vista. De acordo com o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-BR), divulgado em maio, a economia brasileira encolheu 0,18% na comparação com abril. No acumulado de 12 meses, o crescimento registrado foi de 1,95%. No mesmo mês o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) registrou um recuo de 3,27% na produção industrial frente ao mesmo período de 2013.

Com essas quedas é evidente que o setor de aço sofra diretamente, pois esse produto é a principal matéria-prima para a indústria. Segundo o analista de investimentos da SLW Corretora, Pedro Galdi, as medidas tomadas pelo governo não ajudam o mercado de aço. Pelo contrário: atrapalham e trazem à tona um cenário incerto. “As empresas não investem, pois não têm ideia de como será o futuro. Diante dessa realidade é impossível ter qualquer possibilidade de previsão”, afirma o executivo.

O analista aponta que o incentivo ao consumo dado pelo governo fez com que, hoje, 60% das famílias ficassem endividadas, fato que prejudica o consumo, principal fonte de giro da economia. “A forma que o governo tratou nossos problemas econômicos foi desastrosa. As empresas pararam de investir, as montadoras estão com os estoques cheios, o PIB do primeiro semestre é muito pequeno, com média de 0,2%, ou seja, nossa situação é realmente preocupante”, declara Galdi.

O analista afirma ainda que 2014 é “um ano fora da curva”, pois apesar dos efeitos causados pela Copa do Mundo, há por vir as eleições presidenciais, o que significa, para ele, que nada do que está acontecendo irá mudar. “Para que tenhamos alguma mudança, ou pelo menos alguma possibilidade de melhoria, é preciso que alguma medida drástica seja tomada. Todavia, sabemos que em ano eleitoral nenhum político toma decisões que impactam a economia. Ou seja, nosso ano terminará da mesma forma que começou, muito ruim, deixando a possibilidade para uma retomada ainda mais difícil”, enfatiza Galdi.

Quem compartilha da mesma linha de pensamento é o diretor comercial da Usiminas, Sérgio Leite: “O momento que estamos vivendo não é nada favorável para grandes investimentos, nem para alguma ação que precise de um cenário estável”, define. Segundo ele, o período é de incertezas.

Nos últimos quatro anos, o crescimento do Brasil tem estado a patamares de 1 a 2% do PIB e, segundo Leite, este ano não será diferente. “Para a Usiminas o primeiro trimestre de 2014 não teve um cenário muito ruim, mas é preciso ter cuidado com o segundo que está mostrando muita volatilidade. Os diversos feriados prolongados e a Copa do Mundo nos tiraram muitos dias de trabalho,

fato que certamente impactará nos resultados”, aponta.

Leite enfatiza que o crescimento apresentado pelo Brasil nos últimos quatro anos está muito aquém do que o país pode gerar, mas, se nada for mudado, esses índices serão os mesmos por muito tempo, pois a economia ficará tão arruinada que a recuperação será algo muito mais complicado e doloroso para o mercado.

PESSIMISMO EM ALTA

É unânime entre os economistas a afirmação de que a situação do mercado brasileiro é muito preocupante. Estamos com grandes quedas em todos os índices econômicos e sem nenhuma previsão de melhora. No mercado de aço, todos os segmentos estão com dificuldade.

Segundo Pedro Galdi, o mercado para aço plano está com sinalização negativa e com possibilidades de piora no segundo semestre. As empresas de aço longo, voltadas para a construção civil, também terão quedas, pois as previsões do mercado imobiliário são de recuo, com demanda baixa das incorporadoras e endividamento das famílias.

Para o consultor, o governo precisará fazer uma “privatização branca”, o que significa entregar algumas obras de infraestrutura para iniciativa privada, o que, segundo ele, poderá demandar mais das empresas de aço longo. “A área siderúrgica no Brasil e no mundo vive um momento incerto e desafiador. Estamos com um excesso de capacidade de mais de 500 milhões de toneladas. Esse fato não permite que as empresas esperem os resultados de vendas sem antes cortar despesas e reduzir investimentos”, avalia.

Já o executivo da Usiminas, Sérgio Leite, afirma ainda que os setores que consomem aços planos atravessam um período sombrio e, por isso, as empresas fornecedoras têm buscado soluções para se adaptarem à situação. “A Usiminas precisou cortar gastos e readequar a produção para não ter problemas de produtividade no futuro”, comenta.

Leite explica que as empresas estão segurando os investimentos e agindo com muita cautela nos negócios, o que acarreta em índices de crescimento menores. “O grande problema de nosso país são os gargalos, que não são poucos, em todos os segmentos. A Usiminas, por exemplo, fez um aporte de investimento de 12,5 bilhões entre 2008 e 2014. Crescemos, saímos da crise, mas estacionamos. Quero dizer que se o país não for capaz de garantir retorno aos investidores, outros investimentos não virão. Precisamos de um governo desenvolvimentista e, independentemente do político que venha, será preciso pensar em reformas para proporcionar crescimento ao país”, reforça.

O executivo finaliza com a seguinte previsão: “O ano de 2015 será uma ‘batata quente’ nas mãos do próximo governo, totalmente incerto. Não é possível prever nada para o mercado siderúrgico”.

Produção estagnada

O desempenho da indústria nacional está dando fortes sinais de desaceleração. Estamos vivendo um período de incertezas e pessimismo.

Por Michelle Raeder

Os resultados econômicos no Brasil não estão nada satisfatórios. Para se ter uma breve ideia, segundo os dados mais recentes divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), datados de maio de 2014, o emprego industrial recuou 0,7% e, quando comparado com o mesmo mês de 2013, a queda foi de 2,6% – o mais intenso desde 2009. O acumulado do ano obteve, então, recuo de 2,2%.

Outra queda expressiva apresentada na indústria nacional refere-se ao setor automobilístico. De acordo com os dados da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), o primeiro semestre de 2014 apresentou queda de 16,8% da produção de automóveis, frente aos seis primeiros meses de 2013. Já entre junho e maio deste ano, a baixa foi de 23,3%. Na comparação anual (junho 2013/2014), a desaceleração foi de 33,3%.

Essa indústria tem sido uma das mais atingidas pela estagnação da economia. São linhas de produção paradas, funcionários em férias, demissões, estoques cheios e excesso de capacidade de produção. Com essa baixa, o setor do aço é atingido diretamente, já que um de seus principais mercados está em crise.

Para entender a situação como um todo, a Revista do Aço conversou com Luiz Moan, presidente da Anfavea, para avaliar a real situação do setor e saber o que esperar para os próximos meses. Acompanhe a seguir:

1- Em qual proporção a queda da produção automotiva irá afetar a indústria do aço?

A decisão de compra de aço para produção é uma estratégia de cada montadora. Nos primeiros cinco meses, a produção apresentou recuo de 31,6%, principalmente em função das exportações. Contudo, com a volta do fluxo normal de comércio entre Brasil e Argentina, há uma tendência de retomada das exportações e, consequentemente, da produção.

2- Qual sua opinião sobre a atual situação da economia brasileira?

Alguns indicadores mostram dados positivos da economia e eu, particularmente, não compartilho do mau humor vigente no mercado. Acredito, por exemplo, que devemos fechar o ano com crescimento do PIB próximo de 2%.

3- Quais os fatores que estão gerando as quedas na produção industrial?

No que diz respeito à indústria automobilística são dois fatores: a queda das exportações e o desempenho do mercado interno. As exportações foram afetadas pelas relações comerciais com a Argentina e o mercado



interno passa por um cenário de forte seletividade de crédito ao consumidor.

4- O senhor acredita que as medidas tomadas pelo governo são as causadoras dessa queda de produção?

Acredito que o rigor na concessão de crédito e a redução das exportações foram os principais fatores que influenciaram o desempenho da produção. Entendemos que o governo está atento à situação e tomando todas as providências cabíveis. É só observar o empenho do Governo Federal na busca rápida do acordo com a Argentina, definido recentemente e que estabelece que, para cada US\$ 1,5 milhão em carros e peças vendidos para a Argentina, sem imposto, o Brasil terá de comprar US\$ 1 milhão do país vizinho, também sem o tributo.

5- De que maneira essa situação deve afetar os resultados econômicos para o ano de 2014? O senhor acredita que possa haver alguma mudança significativa no cenário que está sendo esperado?

As nossas estimativas se mantinham em um crescimento próximo de 2% no PIB em 2014. No caso da indústria automobilística, revisamos as projeções deste ano e passamos a esperar alta na produção de 1,4% para queda de 10%, enquanto a projeção para vendas saiu de expansão de 1,1% para recuo de 5,4%.

Esperamos ainda que, apesar da revisão desses números, exista a retomada do setor por conta da manutenção do IPI, que segue até dezembro, e do maior número de dias úteis. O mercado deve voltar agora que a Copa acabou, mesmo que tenhamos eleições no período.

6- Essa situação atual poderá refletir nos resultados e deixar sequelas na economia para o próximo ano?

Precisamos analisar o resultado final deste ano antes de fazer novas estimativas. Mas reafirmo que eu não compactuo com o mau humor do mercado. O cenário ainda pode ser positivo se houver oferta de crédito.

O aço sustentável

Em pauta em muitas empresas, os conceitos de reutilização de material, reciclagem e diminuição de danos no meio ambiente chegam também ao setor siderúrgico.

Por Paula Balduino

O reaproveitamento de diversos tipos de materiais é algo que tem se tornado muito comum hoje em dia. São vários os objetos que podem ser reciclados e reutilizados diversas vezes, tornando a geração de resíduos menor e, consequentemente, ajudando o meio ambiente.

Um item que pode passar infinitas vezes pelo processo de fabricação são as embalagens de aço, 100% recicláveis, que podem ser reaproveitadas sem perder as suas propriedades. Além disso, são facilmente separadas de outros materiais por meio de eletroímã, o que facilita a sua coleta. Se jogada na natureza, leva de três a dez anos para se decompor.

Thais Fagury, gerente executiva da Abeaço (Associação Brasileira de Embalagem de Aço), afirma que, somente no ano de 2013, o número consolidado do consumo de embalagens de aço foi de 554 mil toneladas. "Nem todo mundo sabe que esse tipo de processo é possível. Por isso fundamos o Programa Prolata de Reciclagem, parceria da Abeaço e mais 15 empresas associadas. Isso funciona como facilitador ao sistema de reaproveitamento do insumo. Os consumidores podem levar as embalagens de aço direto para os centros ou para cooperativas e sucateiros parceiros do programa. Já o lojista precisa aderir ao programa, via Associação, para participar".

Outra entidade que tem se mostrado bastante preocupada com a reutilização do aço é a ONG "Mestres da Obra", porém em um ângulo diferente: o desenvolvimento humano de trabalhadores da construção civil, a partir da promoção da arte e cultura. Os insumos que sobram nas áreas de trabalhos se transformam em matéria-prima para a elaboração de peças de design.

"O aço é material nobre, pois é 100% reutilizável na maioria das vezes. Ele é usado nos ateliês Mestres da Obra em algumas ocasiões, principalmente nos módulos de escultura e design", explica Arthur Pugliese, diretor da ONG.

REUTILIZAÇÃO COMPLETA

Além da arte e da reciclagem, o insumo também pode ser utilizado como coproduto, voltado a servir o interesse de indústrias químicas na produção de tintas, solventes, plásticos, além da indústria farmacêutica. O Instituto Aço Brasil possui uma divisão que fomenta justamente a reciclagem desses resíduos.

De acordo com Cassius Cerqueira, gerente de suprimentos e coprodutos, essa iniciativa visa contribuir ainda mais para a preservação dos recursos não renováveis e para o desenvolvimento do país de forma ambientalmente sustentável, socialmente responsável e economicamente viável, dando um importante passo para desenvolver e consolidar as diversas possibilidades de aplicações dos coprodutos. "A iniciativa da criação foi totalmente apoiada pelas empresas associadas. Os coprodutos são matérias-primas nobres, tornando-se uma alternativa com custo menor para as indústrias. Além de contribuir para a sustentabilidade na área do aço e do planeta, evita a disposição de resíduos em aterros, reduz a emissão de CO2 e preserva os recursos naturais não renováveis", define.

Confira as vantagens da reutilização do aço conforme os dados fornecidos pela Abeaço:

- A cada tonelada de latas recicladas deixamos de extrair 1,5 toneladas de minério de ferro. A extração representa o maior impacto na análise de ciclo de vida das latas;
- A cada 75 embalagens de aço recicladas, salva-se uma árvore que, sem isso, estaria sendo transformada em carvão vegetal;
- A cada 100 latas recicladas economizamos energia de uma TV ligada por 3h. Cada 5 kg de latas recicladas equivale a uma lâmpada de 60W acesa por 26 horas;
- Todas as latas de aço são fabricadas com até 25% de sucata;
- Com a reciclagem do aço, as siderúrgicas economizam energia equivalente ao abastecimento de 18 milhões de residências por ano.



JANTAR INDA 2014

UKVIGUATEM

Agora você já tem um grande
compromisso para o dia
3 de Dezembro de 2014

Uma excelente oportunidade de associar sua marca a
este tradicional evento do segmento siderúrgico nacional.



Empresas interessadas em patrocinar o evento, entrem em contato com Simone pelo telefone **(11) 2272-2121** ou pelo e-mail **simone@inda.org.br** e obtenha maiores informações.

www.inda.org.br